

Para que voltemos onde precisamos voltar A viagem como obliquidade e descentramento

Anabela Mendes

Universidade de Lisboa

Resumo: Propomo-nos expor e defender um ponto de vista que parte da ideia de que viajar se manifesta como retorno ao próprio e mostra as suas funcionalidades de alimento fundador e restaurador. Esta perspectiva cultiva os princípios da obliquidade e do descentramento, qualidades essas que sustentam o acto de viajar como abertura e expansão na sua forma necessária ao movimento contrário. Enquanto eixos de orientação estes princípios exprimem o desvio de padrões referenciais, segundo os quais partir e chegar são apenas ínfimas etapas de um movimento contínuo a que apenas a morte porá fim. E mesmo após o desaparecimento do ser como matéria não se perde a matriz porque outros também a seguiram, estão a seguir ou a seguirão. Criar discurso e imagem sobre itinerário viajante que propiciem a fixação de um resto, de um fragmento, de uma ressonância mais ou menos a gosto de quem os escolhe, e apenas isso, jamais se sobreporá à experiência e vivência daquilo que sendo novo em nós nos actualiza como um embrião. A reflexão, inspirada em muitos longos cursos, contará com a apresentação de uma série de imagens fotográficas que constituíram apropriação na Índia. A um ou outro desses registos será feito um breve comentário como desocultação daquilo que é o nosso contributo para que o instante de um processo viajante, não sendo substituível por outra coisa, possa ficar outra vez de pé, possa ser tornado presente.

Abstract: We aim to explain and defend a point of view based on the idea that travelling appears as a return journey to the self. It also reveals that travelling functions as a qualifying manifestation while founding and restoring energy. This perspective upholds the principles of obliquity and decentralization as a support to openness and expansion of a travel experience and at the same time acts as a movement on the other way around. Considered as main guidelines these principles express the deviation of referential patterns, according to which departure and arrival are mere steps of a continuous movement only stopped by death.

Even after the human being disappears, as material substance, his matrix continues always on others' actions and behaviour. To create discourse and image upon the itinerary of a traveller may conduct to the imprinting of a rest, a fragment, a resonance according to one's taste and so must it be. But once one exposes itself to the experience and the idea of liveliness through a travel, this procedure may also update in us an embryo essence. Inspired by many long courses this reflexion will use a series of photographs taken in India. Some of these images will be briefly commented. The instantaneity of travelling as a process, which can never be substituted by anything else, can at last become aliveness and presence again.

A história relata o que aconteceu

o silêncio narra

o que acontece

José Tolentino Mendonça¹

dos trabalhos do mundo corrompida

que servidões carrega a minha vida

Herberto Helder²

Rememoração e abraço literário

Tomo por companhia dois amigos de leitura, Herberto Helder e José Tolentino Mendonça, que chegaram mesmo a tempo de comigo partirem em revisitação de muito distantes paragens, onde estive em Setembro de 2011. Cruzarei no meu discurso as suas linguagens como modo inspirador de gratidão. Assim se fará retorno de presença e passagem a lugares sem nome, no distrito de Kutch, que o deserto de Thar alberga, na região mais ocidental da Índia, em zona de fronteira com o Paquistão. Fugazes mas seleccionadas deambulações assinalarão ainda o nosso testemunho do que trouxemos da cidade de Ahmedabad. Tudo o que aconteceu e não aconteceu e que agora será relatado teve lugar no Estado de Gujarat.

A configuração da ideia desta viagem começou com o estabelecimento de três objectivos essenciais que deveriam ter realização após uma deslocação académica ao Indian

Institute of Technology de Gandhinagar. Pesasse embora a inesperada disparidade na escolha das geografias - caminhar no deserto, avistar a fronteira entre a Índia e o Paquistão, nadar nas águas do Mar Árábico já em tempo de monções -, aqueles propósitos pressupunham risco e anunciavam o suster de respirações. Este viajar constituía-se talvez como uma tripla prova, que pretendia legitimar qualquer coisa entre a necessidade e o prazer, onde nenhuma destas motivações fosse totalmente distinguível uma da outra, o que tornava a sua razão de ser porventura inexplicável.

Um querer qualquer, em repentina circunstância, relacionado com a nossa natureza e vivências, passou a procurar desafiar o destino muito antes da partida e, assim, ele se foi mantendo implacável, no acto de criar libertação projectiva que, por ser ainda tão somente mental, a custo manteve suspensa a germinação da rota desejada, tornando-a por isso mesmo mais insaciável e incapaz de adiamento.

*até cada objecto se encher de luz e ser apanhado
por todos os lados hábeis, e ser ímpar,
ser escolhido,
e lampejando do ar à volta,
na ordem do mundo³*

Um lugar sem nome mas com identidade



O peso da alegria

©Anabela Mendes, 12. 9.2011

*Existo sem pressa
maturo em lides e demoras
aprendo a incompletude⁴*

A travessia do deserto de Thar, na direcção da fronteira paquistanesa e a partir da ínfima cidade de Khavda, faz-se por uma estrada estreita e tortuosa, sempre em contorno de montanha e por não mais de 30 km. Paisagem aberta, vazia de pessoas, a fazer querer que aquela pequena parcela do mundo sempre estivera preparada, embora a contragosto, para ser o colo de dois países – a Índia e o Paquistão -, que se toleram com muita dificuldade, porque a razão de ser do que os separa é uma fatalidade na transcendência projectada na imanência. Hindus de um lado e muçulmanos do outro conflituam ao mesmo tempo que dão andamento aos negócios que os aproximam. Nesse tal Setembro de 2011, nunca deixei a Índia, mas alcancei com a vista e o coração confuso, do alto de uma montanha, a planura nevoenta que se estava sempre a inventar e que me impedia de vislumbrar a tal separação artificial que nascera em 1947, aquando da *Partição* da Índia pelo Império Britânico, como um acto de se querer acelerar o fim das lutas tribais e religiosas que afinal continua a alimentar essa conflitualidade como o fim que não terá fim. Estava para ali o Paquistão, que antes crescera enquanto Índia com a viva experiência plural das religiões, se bem que nem sempre fraterna, a construir um tecido para o espírito que separava homens de mulheres exactamente porque a diferença anatómica ditava os caminhos do acesso à educação, à sociabilidade, à cultura e transcultura, à cidadania. Nesse dia não eram nítidos os contornos do território paquistanês nem os do seu antigo irmão de sangue. Quem ainda se poderia lembrar de ouvir ao mesmo tempo, vindas de diferentes lugares de culto, as recitações fundadas no *Mahabharata* e no *Alcorão*? Nesse Setembro de 2011, a jovem Malala Yousafzai não fôra ainda alvo de um ataque talibã, mas a sua consciência cívica e política já lhe iluminava os dias e as noites. As suas irmãs da Índia, por outro lado, e por razões que só o atavismo entende, continuavam e continuam a ser atacadas, violadas e mortas, sem que a apertada punição aos infractores tal o impeça.

No tal lugar, porém, sem nome, a caminho da fronteira com o Paquistão, o tempo parecia ter estagnado e ainda bem, porque nele não se pensava. Meia dúzia de abrigos em adobe e chapa de alumínio ondulado a fazer de casas, famílias num delongado quotidiano colaborativo, crianças acarinhadas, sem pressa por alimento, em brincadeiras casuais. Foi aí nesse sítio inesperado que me apercebi melhor do que antes já me encantava: a beleza das ligações de cor dos trajes das mulheres, o branco como cor preferida pelos homens. Tanto num caso como no outro os corpos desenhavam o movimento que as roupas compunham numa infinita plasticidade em dobras e redobras nunca repetidas. Naquelas paragens tão inhóspitas e tão cheias de abandono tudo parecia nascer afinal da relação de sabedoria dos elementos. Ali vivia uma comunidade hindu muçulmanizada ou uma comunidade muçulmana hinduizada. O pequeno templo era uma abóbada. Terra e água estavam à disposição de todos, a gosto e a contento, para a partilha dos afazeres diários daquela população que eram executados no exterior das casas, sob o olhar dos anciãos. As aldeãs, tão jovens e tão velhas em pele tisonada, que eu vi de perto, pareciam viver da abundância serena de saúde e bem-estar, das conversas em que se deixavam mergulhar enquanto lavavam roupa ou enchiam de água as suas bilhas de alumínio. Os seus corpos conheciam a frescura das águas. Os longos cabelos de algumas desenrolavam-se ao ar livre para o ritual da penteação. A aldeia era uma intensíssima coreografia não planeada que em cada dia mudava, porque as rotinas abençoadas pela natureza só aparentemente são repetição.

Perante a magnificência mágica daquele pequeno povoado perdido na paisagem terminei interrogado na altura se ali seria capaz de viver, se iria aprender a comunicar com aquelas pessoas para além da linguagem do rosto e do corpo. Se a minha presença naquele lugar faria sentido depois de esgotado o tempo de uns quantos disparos fotográficos e depois de passada a sensação de espanto completamente eufórico com que ali chegara sem saber o que me esperava. A placidez com que fui recebida, até uma certa curiosidade expressa nos olhares de homens, mulheres e crianças, sem fugas nem mãos sobre o rosto para tapar a identidade, deixaram-me perplexa. Que lugar era aquele onde os autóctones não se escondiam nem manifestavam desagrado compreensível perante quem chegara de fora e deles se aproximava com a intenção de lhes fixar a força de viver? Como era possível

tanta compreensão e tolerância da parte de uma tão ínfima comunidade que nem no mapa vinha e parecia não sofrer transtorno com a presença de estranhos?

Interroguei o meu guia sobre esta tão pacífica e inesperada reacção, depois de ter distribuído rupias e rebuçados por mãos grandes e pequenas que para mim se estendiam. Olhei nos olhos as mulheres e as crianças, ainda incrédula por ter podido fazer paragem naquela estrada do mundo e por me ter sido permitido guardar em imagem o que me haviam dado a ver.

Num primeiro momento o guia pareceu atrapalhado, mas logo a seguir mostrou um sorriso aberto e confessou que pelo telemóvel anunciara a visita.

Neste lugar, apesar de toda a beleza e estupefacção, do aprendizado que fiz e perdurou, ser-me-ia desconfortável viver.

*pedras quadradas, árvores vermelhas, atmosfera,
estou aqui para quê porquê e como?
e mal pergunto sei que morro todo entre pés e cabeça,
e restam apenas estas linhas como sinal de medo:
pó, poeira, poalha⁵*



O grão da vida

©Anabela Mendes, 12. 9.2011



Águas

©Anabela Mendes, 12. 9.2011



Roupagens

©Anabela Mendes, 12. 9.2011



Oculto e desoculto

©Anabela Mendes, 12. 9.2011



Ausência

©Anabela Mendes, 12. 9.2011



Refeição comunal

©Anabela Mendes, 12. 9.2011



Inquirição

©Anabela Mendes, 12. 9.2011



Travessia e Materiais

©Anabela Mendes, 12. 9.2011

Entre Ahmedabad e Gandhinagar – um olhar de cima

*nenhuma linha é menos do que outrora
azougue, e basta:
é tudo só memória inverosímil,
sem proporção alguma: e nenhuma
consolação da forma⁶*

No regresso à antiga capital do Estado de Gujarat, Ahmedabad, recebo alojamento numa das zonas aburguesadas da cidade, onde as casas de dois andares implantadas em jardins anunciam a presença de famílias moderadamente abastadas e com uma razoável qualidade de vida. A mancha deste bairro, onde se situa provisoriamente o Indian Institut of Technology de Gandhinagar, tem uma fronteira indefinida com amontoados de barracas e telheiros, que albergam uma população indigente, misturada com animais, lixo e desperdício. Por aí perto, em habitações muito modestas, encavalgadas em ruas a perder de vista, sobrevivem também famílias inteiras com muitos filhos, que se dedicam a vários tipos de negócio, em lojas estrategicamente colocadas nas avenidas e ruas principais de Chankheda. Este bairro desenha a topografia intervalar entre a Ahmedabad, culturalmente

rica, com uma arquitectura belíssima, um movimento comercial pujante, e a sua sucessora, Gandhinagar, a capital política de Gujarat. Nesta fase de transição de poderes e influências entre cidades, processo que já dura há algumas décadas, a cidade de Gandhi é um espaço traçado de raiz, configurado e planificado ao gosto ocidental para uma população seleccionada e exigente. Na cidade de Gandhi já vivem, entre outros, muitos políticos influentes em gigantescas mansões fortificadas.

Habito ainda por poucos dias um quarto de um apartamento no 8º andar do prédio que o ITT reserva para alojamento dos seus professores e para os professores estrangeiros em visita.

Da varanda desse quarto acompanho o que acontece na rua e exactamente porque não é muito o movimento, o que observo inspira o meu silêncio e traz-me distração. Sigo as crianças, todas vestidas de igual num asseio brioso, que vão a caminho da escola, observo mulheres com porte e cheias de dignidade que atravessam a poeira do caminho quase sem lhe tocarem. Detenho-me numa vendedeira de legumes que pára o seu carro junto ao portão de uma casa com jardim a toda a volta. De longe observo a sua acção junto de quem passa, mas também a acompanho no seu modo de atrair as donas de casa que abrem portões e cancelas para ver os frescos desse dia.

Deixo para trás a série de registos fotográficos que fui fazendo desse acontecimento e que se me ofereceram como uma coreografia. Vendedeira e suas freguesas narram entre si as pequenas histórias que a coberto dos legumes têm de contar umas às outras. Desconheço os conteúdos, nem os oiço. Concentro-me nos corpos que afinal andam sem saírem do lugar e que mesmo depois do regresso à interioridade do lar e de realizado o negócio perduram na minha imaginação.

Ao voltar daquela viagem à Índia mandei ampliar a última imagem da vendedeira a despedir-se do bairro. Essa reprodução, tirada do tal oitavo andar, em plano picado, era também a minha despedida de um tempo de felicidade que na altura eu desconhecia estar a dissolver-se.

*Podes interrogar a papoila
mas a papoila*

*nada responde*⁷



Sem título

©Anabela Mendes, 17. 9.2011

A dita vendedeira, vestida com sari azul - o verdadeiro céu da fotografia -, ficou uma mulher suspensa pelo abraço ao carrinho, como se quem a observa só se pudesse nela continuar de um ponto de vista de fusão. Contorcida a empurrar o objecto do seu sustento ela tinha um porte descontinuado como um arabesco, causado pelo esforço e pela desproporção física do que executava. Deslocava-se, porém, como se o mundo não fosse o que de facto é: uma pulhice. O seu corpo era a estrada que não existia e pela qual a lascívia dos homens se aventurava sem que ela com isso se importasse. Diante dela e do seu carrinho, a poeira do chão, na variação de tonalidades quase imperceptível ao olhar menos atento, plasmava-se na luz que talvez nem ela por ela desse. Da poeira do chão brotava uma encruzilhada de caminhos, os que se viam e aqueles que se mantinham ocultos. Perante eles ela parecia não querer decidir-se, usando o tempo e a sua natureza doce para pensar sobre qual das direcções melhor servia o seu destino. Teria para ela a opção de rumo um grande significado? Dar-se-ia ela ao trabalho de tornar suplementar a escolha da direcção seguinte? Não seria aquele um percurso de todas as manhãs sem pausa nem descanso para abastecer as suas clientes certas? Sobraria ainda mercadoria para clientela de ocasião? Como seria afinal a vida daquela mulher?

Na fotografia parece estar apenas registado o fim da acção da vendedeira e o seu arranque para nova partida e, no entanto, também dali nasceram furtivas cogitações que a irmanavam, sem que ela soubesse, na dor sozinha de quem a observava. Sabendo nós, porém, que o tempo de um movimento é muito mais do que o momentâneo produto de uma contemplação, daquilo que sendo visível oculta inexoravelmente muito mais do que nos é dado a ver, tomamos consciência de que o belo deslizar do corpo ao ritmo da passada, equilibrando o carrinho e o que ele transporta, determina a inevitável recusa da perscrutação do rosto, frente ao qual quereríamos fazer fé. A beleza e a agilidade do corpo daquela mulher são exercício proporcional ao sacrifício com tempo para ser vivido e ser aceite. Por decifrar fica: Quantos fios de seda tecem a trama do seu panejamento? Qual o odor que a acompanhava naquela manhã? Saberá ela como se organiza a morte?

Bibliografia

Herberto Helder, *Servidões*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

José Tolentino Mendonça, *A Papoila e O Monge*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

Acervo fotográfico da autora.

Anabela Mendes (1951-) é professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica de Portuguesa. Desenvolve a sua actividade profissional nas áreas seguintes: Literatura de Expressão Alemã, Cultura Alemã, Estética e Filosofia da Arte, Literatura de Viagens, Ciência e Literatura, Modernidade e Vanguardas, Teoria e Estética do Teatro, Sociologia das Artes do Espectáculo. Mantém actividade regular na área da tradução e escrita para teatro, dramaturgia e encenação. Organizou nos últimos anos diversos colóquios transdisciplinares e internacionais em Lisboa, Berlim e Goa. É viajante de longo curso.

- Anabela Mendes (org.) 2009, *Garcia de Orta and Alexander von Humboldt – across the East and the West*, Lisboa: UniEditora.
- Anabela Mendes et altri, (Org.) 2012, *Qual o tempo e o movimento de uma elipse? – Estudos sobre Aby M. Warburg*, Lisboa: UniEditora.
- “Notas para uma Sociologia das Artes do Espectáculo - Reflexão sobre a utilização de parâmetros cognitivos aplicados a públicos de teatro e outras artes” in: Maria Helena Serôdio (dir.), Sinais de Cena 17/APCT – Associação Portuguesa de Críticos de Teatro, Junho de 2012, pp. 60-79.
- „Ach wie grandios, dass sie eine so harte Mutter hatte! Begegnung, Subjektivität und Erfahrung bei Renée Schwarzenbach-Wille und Annemarie Schwarzenbach“ in: Gonçalo Vilas-Boas/Teresa Martins de Oliveira (Ed.) 2012, *Macht in der Schweizer Literatur*, Berlin: Frank & Timme, pp. 215-230.

NOTAS

¹ José Tolentino Mendonça 2013, *A Papoila e O Monge*, Lisboa: Assírio & Alvim, p. 19.

² Herberto Helder 2013, *Servidões*, Lisboa: Assírio & Alvim, p. 19.

³ Herberto Helder, *op. cit.*, p. 45.

⁴ José Tolentino Mendonça, *op. cit.*, p. 52.

⁵ Herberto Helder, *op. cit.*, p. 51.

⁶ Herberto Helder, *op. cit.*, p. 63.

⁷ José Tolentino Mendonça, *op. cit.*, p. 28.